



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7567 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

### **MENINAS INDÍGENAS EM SÃO PAULO: O QUE REVELAM AS PESQUISAS NA ÁREA DA EDUCAÇÃO**

Nadia Massagardi Caetano da Silva - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FEUSP

### **MENINAS INDÍGENAS EM SÃO PAULO: O QUE REVELAM AS PESQUISAS NA ÁREA DA EDUCAÇÃO**

O presente texto apresenta um levantamento bibliográfico realizado como parte da pesquisa de doutorado em processo inicial na Faculdade de Educação cujo objetivo central é compreender os processos de luta e resistência de meninas indígenas moradoras de uma aldeia Guarani existente na cidade de São Paulo. A partir de referenciais da Sociologia da Infância e da Antropologia da Criança, consideram-se as crianças como sujeitos sociais que vivem as dificuldades e participam das lutas junto de seu povo e que, portanto, têm condições de dizer sobre elas e significá-las.

Mal se inicia, a pesquisa é confrontada por uma pandemia que afeta os seus rumos. Impõe-se uma suspensão por tempo indeterminado do acesso ao campo de pesquisa pela condição de distanciamento social imposta para conter a propagação do vírus. Além disso, a crise sanitária coloca os povos indígenas em situação de risco iminente de modo que, nesse contexto, uma pauta muito elementar se coloca: a luta pelo direito à vida.

Ao tomarmos São Paulo como palco de disputas e de resistência dos povos indígenas, faz-se necessário ressaltar que, de acordo com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), esse é o quarto maior município em população indígena do país, o maior em população do Estado e também o primeiro em presença em área urbana. Não se pode olvidar, apesar da importante presença indígena no território, uma história de silenciamento e invisibilização das comunidades indígenas na cidade, de modo que a luta e a resistência tornaram-se quase inerentes à sua existência.

Na busca por informações sobre as condições de vida dessas crianças em São Paulo recorreremos ao Mapa da Desigualdade de 2019 e nele encontramos uma São Paulo de suntuosas discrepâncias: com regiões onde é um desafio cotidiano sobreviver e outras em que quase não se corre o risco de morrer. E então, dos numerosos grupos marginalizados pela cidade, os povos indígenas são deixados um pouco mais à margem quando se consideram dados sobre as desigualdades no município: ao dividir a população entre brancos e negros (considerando as variações como preto ou pardo para designá-los), não se considera a significativa presença indígena na cidade.

Para designar os que estão um pouco mais à margem dentre os marginalizados, recorreremos ao conceito de *espoliação urbana*, cunhado por Kowarick (1993). De acordo com o autor, ao considerar as sociedades urbanas, há diferentes contextos e desdobramentos da espoliação, como “camadas” de desigualdades dentro da desigualdade. Assim, ao acrescentar as “camadas” de desigualdades e violências a que as meninas indígenas na cidade de São Paulo estão expostas por serem indígenas, crianças e mulheres, sobre elas recai uma tripla invisibilidade. Nesse sentido, nos propomos a pensar sobre o que significa ser “menina indígena moradora de uma aldeia na cidade de São Paulo”: quantas camadas de espoliação estariam sobrepostas nesse sujeito?

Da percepção dessas camadas de desigualdade é que se opta por observar as meninas indígenas para compreender suas lutas junto a seu povo: há lutas específicas das meninas dentro da luta indígena? Como entendem a luta e sua participação na mesma?

Para responder a esses questionamentos foi realizada uma busca por estudos correlatos no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) que evidenciou uma lacuna no que se refere às pesquisas sobre crianças indígenas e sua participação nas lutas e movimentos de resistência indígena. Com base nos descritores crianças “indígenas+lutas”, o cômputo dos trabalhos chegou em 17.570, em diferentes áreas. Ao refinar os parâmetros, restringiu-se a busca a pesquisas da área da educação realizadas nos últimos cinco anos e a partir daí foram identificados 422 trabalhos. Destes, foram selecionados 12 trabalhos pela análise do título, dos quais cinco referem-se aos processos de escolarização das crianças.

Das pesquisas encontradas, a que mais se aproxima das questões referentes às crianças indígenas e suas lutas na cidade é a tese de Olga Ramirez (2018), intitulada “*Movimientos de re-existencia de los niños indígenas em la ciudad*”. Trata-se de um estudo sobre as estratégias de existência e re-existência de meninos e meninas indígenas em Bogotá, na Colômbia, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A autora busca dar visibilidade para as maneiras e caminhos que os povos, e especificamente as crianças indígenas, têm elaborado para continuar existindo nas cidades.

Ainda que se tenha encontrado alguns poucos estudos que relacionem as crianças indígenas aos movimentos de luta e resistência, nenhum deles traz como foco a perspectiva das meninas, realizou-se então uma segunda busca no banco de dados com os descritores “meninas+indígenas” para verificar pesquisas que tratem de gênero e infância nos estudos sobre povos indígenas. Com base nesses descritores foram encontrados 12.024 trabalhos em áreas diversas, dos quais foram selecionadas as pesquisas realizadas na área da Educação dos últimos cinco anos para verificação a partir do título, o que resultou em 252 pesquisas. Destas, cinco referem-se às mulheres (adultas) indígenas e apenas uma às meninas indígenas, tratando-se de uma pesquisa sobre o processo de catequização de meninas indígenas entre os anos de 1949 e 1971.

A partir desse levantamento de pesquisas na área da educação, observou-se que nos estudos sobre crianças indígenas, a perspectiva de gênero não se apresentou como uma prioridade. Já nas pesquisas encontradas que consideravam a questão de gênero e povos indígenas, a infância não era prioridade. Nesse sentido, a pesquisa em andamento buscará referências nas discussões da área sobre mulheres indígenas e sobre crianças indígenas, cruzando essas duas referências a estudos de etnologia Guarani.

Falar sobre as lutas e sobre direitos dos povos indígenas no Brasil de hoje tem se mostrado algo extremamente necessário em decorrência das ameaças a que têm sido expostos esses povos nesse momento de crise sanitária em que além da ameaça do vírus, que os afeta de modo muito particular, sofrem com o descaso do Estado em relação ao acesso a cuidados

essenciais. Nesse sentido, parece bastante útil o conceito de *necropolítica*, que se refere ao poder do Estado de produzir a morte de pessoas por meio do abandono ou negligência a determinados grupos (MBEMBE, 2016) o que nos leva a refletir: quão (des)importante pode ser a vida indígena no Brasil hoje?

Dessa forma, reconhecendo-se um contexto político que tem colocado as comunidades indígenas em um estado latente de luta, busca-se dar visibilidade às mesmas, trazendo como interlocutores as crianças, buscando indícios sobre como concebem e constroem suas lutas, numa busca pela compreensão da tripla invisibilidade à qual as meninas indígenas são submetidas, será preciso olhar para o entrecruzamento dos estudos de geração, gênero e étnicos em um contexto particular de necropolítica. Espera-se que a pesquisa possa contribuir para o fortalecimento das lutas, e para os estudos da infância, da infância indígena e, mais especificamente, para as crianças meninas indígenas em contexto urbano. Inserindo-as, porque não, numa discussão mais ampla com relação ao direito à cidade, aproximando sua luta a de outros movimentos sociais que disputam o espaço urbano cotidianamente.

**Palavras-chave:** Criança indígena. Infância e cidade. Resistência indígena.

## REFERÊNCIAS

KOWARICK, L. A *Espoliação Urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

MBEMBE, A. Necropolítica. *Arte & Ensaios Revista do ppgav/eba/ufrrj*, n. 32, dezembro 2016, p.123-151.

RAMIREZ, O. *Movimientos de Re-existencia de Los Niños Indígenas En La Ciudad: Germinaciones en las Casas de Pensamiento Intercultural en Bogotá, Colombia*. 2018, 240f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.